



XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



A dupla face da cidade: o Rio de Janeiro nas crônicas do início do século XX

The Double face of a city: Rio de Janeiro in the chronicles in the beginning of the last century

Guilherme Mendes Tenório, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, gtenorio6@gmail.

Cesar Augusto Miranda Guedes, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, cesar.eco@gmail.com

RESUMO

No início do século XX, a cidade do Rio de Janeiro passou por um conjunto de reformas empreendido pelo prefeito Pereira Passos em conjunto com o governo federal. Tais reformas compreenderam seja a abertura de avenidas como a Avenida Beira-Mar e a Avenida Central seja a adaptação do porto para embarcações de maior calado. Articuladas a este processo esta a adoção de novos hábitos como a freqüência a salas de cinema e os passeios pela cidade à noite.

Neste contexto, as crônicas funcionam como modos de expressão subjetiva e simultaneamente social das conseqüências do planejamento urbano bem como do desejo de construir uma cidade moldada nos padrões europeus, ressaltando as tensões entre a cidade real e a cidade ideal como quer o crítico uruguaio Angel Rama. Deste modo, este texto objetiva captar novos sentidos para um período da história da cidade do Rio de Janeiro fecundo de interpretações.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, crônicas, urbanização

ABSTRACT

In the beginning of the last century the major of Rio de Janeiro Pereira Passos and the Brazilian federal government promoted a several improvements on the Rio de Janeiro urban space, such as the new avenues Avenida Central and Avenida Beira Mar. Also, in this period new habits of leisure were developed, for example the cinemas and night tours.

In this context, the chronicles express both the consequences of the urban interventions and the desire of a new city, inspired in the European pattern of urbanization. So they indicate to us the conflicts between the ideal and the real city, which are expressions created by the Uruguayan literary critical Angel Rama in his analysis of Latin American cities. Therefore, this paper has the objective to think up new meanings for a period in the history of Rio de Janeiro city that is rich of interpretations and memory.

Key-words: Rio de Janeiro, chronicles, urbanization

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é pensar a cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX tomando como base a construção simbólica do seu espaço nas crônicas publicadas por João do Rio, Olavo Bilac e Lima Barreto. Naquele contexto, a cidade foi tomada como mote de reflexões por uma geração de intelectuais que encontrava na imprensa um espaço adequado para a expressão de seus anseios individuais e coletivos.

Não é por mera coincidência alias que esta plêiade de homens de letras habitou o Rio de Janeiro no momento no qual o prefeito Pereira Passos e o presidente Rodrigues Alves encetaram um conjunto de transformações que se sobrepuseram aquelas que ocorriam pelo menos desde a chegada da família real em 1808. Por mais que surtos de várias enfermidades ainda ocorressem, não é factível esquecermos que a cidade recebida por Pereira Passos nada tinha de um burgo colonial, como querem nos fazer acreditar uma historiografia apologista das ações do prefeito Passos e dois dos cronistas aqui citados, Olavo Bilac e João do Rio.

Também os cronistas citados não foram os únicos a inserir seu olhar para a cidade. Um pouco antes Machado de Assis escrevera uma interessante crônica na qual parecia antever o futuro do Rio de Janeiro, inclusive se referindo a possibilidade do então Distrito Federal sediar os Jogos Olímpicos.

A conclusão é que o Rio de Janeiro, desde o principio, achou que não devia ser capital da União, e este voto pesa muito. É o decapitado “par persuasion”. Assim é que temos contra a conservação da capital, o beneplácito do próprio Rio de Janeiro. Ele será sempre, como disse um deputado, a nossa Nova York. Não é pouco; nem todas as cidades podem ser uma grande metrópole comercial. Não levarão daqui a nossa vasta baía, as nossas grandezas naturais e industriais, a nossa Rua do Ouvidor, com o seu autômato jogador de damas, nem as próprias damas. Cá ficara o gigante de pedra, a memória da quadra romântica, a bela Tijuca, descrita por Alencar em uma carta celebre a Lagoa Rodrigo de Freitas, a Enseada de Botafogo, se até lá não estiver aterrada, mas é possível que não; salvo se alguma companhia quiser introduzir (com melhoramentos) os jogos olímpicos, agora ressuscitados pela jovem Atenas. (ASSIS, 1896)¹

Com o título de “A capital”, a crônica foi publicada a 7 de Junho de 1896. O seu assunto era a transferência da capital para o interior do país, como previsto na carta constitucional de 1891. Na argumentação de Machado, a transferência da capital em nada incorreria para a perda de seu status. Continuaríamos sendo uma metrópole e estariam mantidas as nossas características naturais, salvo se um dia a cidade viesse a sediar os Jogos Olímpicos.

Muito do que Machado previu não aconteceu. A história da cidade nos conta que a transferência da capital para Brasília ensejou uma série de conseqüências, notadamente de caráter econômico. Os jogos olímpicos por sua vez acabaram de acontecer e ainda não da para medir o seu legado, mas sabemos que a Enseada de Botafogo não é a mesma desde a década de 1960, quando o prefeito Carlos Lacerda resolveu por aterrar aquele espaço. Também a Lagoa do Rodrigo de Freitas

¹ ASSIS, Machado. “A capital”. In: RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz. (Coord). Rio de Janeiro: Transformações da ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2016. p. 51

vem conhecendo várias intervenções pelo menos desde a década de 1920, quando se deu o seu aterramento.

Contudo, é interessante que uma crônica escrita no final do século XIX já pensasse na possibilidade do Rio de Janeiro sediar os jogos olímpicos e ainda refletisse quais seriam as possíveis conseqüências do processo. O texto de Machado é uma demonstração de como os tempos dialogam entre si e por isso as crônicas são pontos de observação sobre as mudanças e permanências da cidade. Ainda na mesma crônica, é possível observar um movimento que procura eternizar certos espaços do Rio de Janeiro, entre eles a “bela Tijuca” descrita por José Alencar e a Enseada de Botafogo, o que nos remete ao pensamento do crítico literário uruguaio Angel Rama,² nosso interlocutor neste texto. Conforme veremos a seguir, Rama defendia a divisão da cidade entre cidade ideal e cidade real, assinalando como os intelectuais foram importantes no sentido de conferir um caráter atemporal às urbes latino-americanas a despeito das transformações que sofressem no mundo físico.

Deste modo, o texto se dividirá em três partes além desta Introdução. Na primeira parte, apresentaremos alguns dados acerca do Rio de Janeiro no início do século XX e da inserção do Brasil na economia internacional. Em seguida, analisaremos com mais detalhes algumas das crônicas publicadas por João do Rio, Olavo Bilac e Lima Barreto. Por fim, as considerações finais farão uma aproximação entre o contexto da Belle Époque e o do início do século XXI.

UMA CIDADE EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

Conforme dito acima, a então Capital Federal atravessou um período de transformações iniciado com a eleição de Rodrigues Alves em 1902. Tais transformações somaram-se aquelas que vinham afetando a vida urbana do Rio de Janeiro pelo menos desde a chegada da corte portuguesa em 1808, quando foram instalados o Jardim Botânico e a Biblioteca Nacional, transformando a cidade na sede do reino lusitano.

Por sua vez, na segunda metade do século XIX o Município Neutro e depois sede da corte imperial conheceu a introdução de serviços como a iluminação a gás e elétrica, as linhas de bondes, o telegrafo e o esgoto. Isto para não falar da construção de 4 ramais de linha férrea que expandiram a cidade para o que viria a ser denominado de subúrbio e a conexão férrea com estados de Minas Gerais e São Paulo.

Porém, estas mudanças não eram suficientes para dissipar a imagem de uma cidade colonial assolada por doenças como a varíola, a febre amarela e a peste bubônica e com ruas mal planejadas. Além destas questões, faz-se necessário olhar para a inserção da cidade no desenvolvimento do capitalismo no quadro da segunda revolução industrial.

Seguimos, portanto as sugestões do historiador Nicolau Sevcenko³ no primeiro capítulo do livro *Literatura como Missão*, a qual traz uma série de referências factuais em relação aos aspectos

² RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

³ SEVCENKO, Nicolau. “A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

socioeconômicos brasileiros no início do século passado. Entre outros pontos, o autor cita a inadequação do porto brasileiro para receber os navios de maior calado, problema solucionado pelas reformas comandadas por Rodrigues Alves e pelo engenheiro Lauro Miller, que então estava à frente do Ministério da Viação. Essas transformaram o porto no terceiro maior da América perdendo apenas para Nova York e Buenos Aires e o décimo quinto do mundo.

Lógico também que o porto do Rio de Janeiro não exercia o mesmo papel que o porto de Santos nas exportações de café, ainda mais depois que o Vale do Paraíba entrara em decadência e fora substituído pelo Oeste Paulista. Contudo, o porto do Rio de Janeiro ainda era central na navegação de cabotagem e por meio desta articulava-se a praças comerciais no Nordeste e no Norte.

Da mesma forma, a cidade era um centro político e financeiro que abrigava o poder executivo, seus ministérios, embaixadas, a sede do Banco do Brasil, da Bolsa de Valores e de uma série de instituições estrangeiras e nacionais. Aqui aportavam navios com mercadorias originárias dos quatro cantos do mundo, notadamente da França.

A cidade ainda recebeu um montante significativo dos capitais exportados pela Grã-Bretanha. Esses foram investidos na infra-estrutura urbana e principalmente naquilo que facilitasse a exploração de produtos como o café, o cacau, açúcar e a borracha. Assim, o Brasil ainda era nitidamente uma economia agroexportadora cujo papel dentro da divisão internacional do trabalho era o de fornecer alimentos e matérias-primas. Nessa perspectiva, a sociedade e a economia brasileiras eram constituídas de arquipélagos modernizados se comparados às regiões rurais. Além do Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belém eram pólos de modernização interessantes. São Paulo crescia impulsionada pelo café do Oeste Paulista, Recife tinha importância cultural devido a sua Faculdade de Direito e Belém apareceu ao mundo a partir do ciclo da borracha e do Museu Emilio Goeldi. Nada que contrariasse o fato de que a população brasileira ainda era predominantemente rural ou mesmo o peso das oligarquias regionais.

No plano demográfico, as tabelas veiculadas no livro do urbanista Marcelo Abreu⁴ indicam que em 1906 o Rio de Janeiro era uma cidade de 800.000 habitantes e em 1920 este total ultrapassou a marca de um milhão. Estes números faziam da então Capital Federal a maior cidade do país, posto que perdeu para a cidade de São Paulo a partir dos anos 1960. Para efeito de comparação, cite-se que atualmente somos a segunda maior metrópole do Brasil com seis milhões de habitantes, mas que chegam a 12 milhões se contarmos com a região metropolitana. Enquanto isso, São Paulo perfaz um total de 12 milhões de habitantes que se transformam em 20 milhões tomando em perspectiva a área metropolitana.

Não devemos esquecer também das inúmeras instituições culturais e científicas sediadas na cidade do Rio de Janeiro. A primeira delas, ainda no final do século XIX, foi a Academia Brasileira de Letras. Com as reformas de Pereira Passos, foram construídos ainda uma nova sede para a Biblioteca Nacional, outra para a Escola Nacional de Belas Artes e o Teatro Municipal. Ademais, na Avenida Central e nas ruas adjacentes situavam-se prédios de periódicos como o Jornal do Commercio, o Paiz, Correio da Manhã e a Gazeta de Notícias. Sem esquecermos o Instituto Manguinhos, hoje Fundação Oswaldo Cruz. Inaugurado em 1900, pelo médico e sanitarista

⁴ ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2013. p. 80

Oswaldo Cruz, o Instituto foi fundamental no sentido do combate as epidemias da febre amarela e da peste bubônica.

Os elementos elencados acima justificam porque o Rio de Janeiro era caracterizado como a caixa de ressonância do Brasil, espécie de cidade-modelo que atraía todos os olhares. Se Lima Barreto e João do Rio eram nascidos na Capital Federal, aqui também vieram aportar intelectuais de outros estados e mesmo do estado do Rio de Janeiro, que na época era uma entidade política distinta com capital na cidade de Niterói. Para a cidade do Rio de Janeiro, vieram o sergipano Gilberto Amado, o maranhense Arthur Azevedo e o cantagalense Euclides da Cunha. Esta fusão entre o espaço urbano carioca e as questões nacionais, aliás, acarretaram problemas para a formação de um campo político autônomo, como demonstram os historiadores Américo Freire⁵ e Marly Motta.⁶

ENTRE A CIDADE IDEAL E A CIDADE REAL: O RIO DAS CRÔNICAS.

De acordo com o que foi dito anteriormente, nosso interlocutor será o crítico literário uruguaio Angel Rama.⁷ Dissertando sobre as cidades latino-americanas, Rama pontua que desde o início da colonização as cidades instaladas pelos espanhóis se caracterizaram por apresentar a ordenação do espaço urbano como se fosse um tabuleiro de damas no qual as hierarquias sociais organizavam-se em círculos concêntricos.

Portanto, as cidades coloniais representavam, segundo Rama, um ideal de ordem e racionalização, ou melhor, esta seria a intenção dos planejadores de todos os tempos. Pois na verdade existia um abismo entre a cidade real, palmilhada pelos habitantes em seu cotidiano; e a cidade ideal, concebida na cabeça dos planejadores. Neste contexto, os intelectuais teriam sido fundamentais enquanto porta vozes desta perspectiva ordenadora e racional.

Entretanto, cronistas como João do Rio, Olavo Bilac e Lima Barreto vivenciaram cotidianamente a cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Freqüentavam ambientes como o Café Java e a Confeitaria Colombo. Visitavam cortiços e os morros. Pegavam o trem entre o subúrbio e o centro como fazia todo dia Lima Barreto. Trata-se pois de uma tensão entre a cidade ideal e a cidade real.

E por que tensão? Pois foi justamente neste período que a cidade do Rio de Janeiro atravessou um conjunto de reformas capitaneado pelo presidente Rodrigues Alves e pelo prefeito Pereira Passos. Tais reformas dialogam com o desejo das elites coloniais em construir espaços da ordem a partir da racionalização das cidades. É difícil na verdade separar os planos do real e do ideal, visto que a cidade concebida no mundo das idéias acaba por se imiscuir na cidade que todos vivenciavam nem é possível traçar uma fronteira rígida entre a cidade das letras e a cidade do cotidiano.

No entanto, a análise de Rama sugere que a história das reformas urbanas na América Latina é anterior ao final do século XIX e desconstrói a vinculação automática que geralmente traçamos entre o que aconteceu no Rio de Janeiro e o que se deu em Paris com as reformas de Haussman.

⁵ FREIRE, Américo. Sinais trocados: o Rio de Janeiro e a República. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

⁶ MOTTA, Marly da Silva. Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado da Guanabara. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

⁷ RAMA, Angel. Op.cit, 1982.

Com Pereira Passos, a ordem continuava a ditar a cabeça daqueles que intervinham na cidade, basta que pensemos nas posturas que visavam à correção de hábitos anteriores como andar descalço e os quiosques.

Por outro lado, cabe pensar as reformas do Rio de Janeiro em um contexto específico, na medida em que no século XIX cidades como Barcelona, Florença, Paris, Viena e Buenos Aires passaram por transformações. Ademais não nos esqueçamos de que o período colonial não assistiu ao desenvolvimento de novas tecnologias como o cinema, a luz elétrica, o bonde e o automóvel, as quais as cidades modernas passariam a estar atreladas. Tecnologias essas que, por sua vez, evidenciavam uma nova etapa no desenvolvimento capitalista, vinculada aos desdobramentos da segunda Revolução Industrial.

Entre todos os cronistas citados, Olavo Bilac foi o mais favorável à modernização empreendida por Pereira Passos. Para ele, portanto, a cidade real surgida a partir das picaretas de Pereira Passos como que se iguala a cidade ideal. Antes mesmo de a Avenida Central ficar pronta, ele coloca: “A Avenida...Parece-me que a vejo acabada, ampla e formosa, com as suas arvores, os seus palácios, as suas lâmpadas elétricas, os seus “refúgios”, e cheia de uma multidão contente e limpa. (Bilac, 1903)

No ano seguinte, a Avenida foi inaugurada e sobre ela Bilac escreve:

Mas o meu sonho animou tudo aquilo: comecei a ver, ao longo da cidade derramada aos meus pés, rasgar-se a grande Avenida; diante dos meus olhos deslumbrados relampejavam jatos de luz elétrica, e vi desenhar-se a cidade futura, resplandecente e rica, mais bela de que todas as suas irmãs, irradiante na glória da civilização. (BILAC; 1903)

Em muitas das outras crônicas, Bilac repete o tom alvissareiro com que tratou a abertura da Avenida Central hoje Avenida Rio Branco. Tal fato constitui uma sumula da chegada da civilização a então Capital Federal. Se valendo de recursos poéticos como “relampejavam jatos de luz elétricos”, o cronista confere um tom alegórico a abertura da Avenida. Nesta mesma crônica, aliás, Bilac descreve uma personagem que representaria a “Tradição”, o “Progresso”, “a Produção”, que em certo momento diz:

Oh! o progresso! Pobre desta cidade! Pobres destas boas casas que morrem! Pobres destas boas ruas que desaparecem! Pobres das minhas alegrias que se esvaem! Esta Avenida, menino, vai ser o caminho da Perdição! O caminho do céu é estreito e feio como o Escorrega; o caminho do inferno é que é amplo, rasgado, cômodo e bonito! Pelas veredas apertadas só passam as almas puras, mas pelas avenidas largas passam todas as multidões pecadoras... (BILAC; 1904)

A personagem acima alude ao problema do descompasso entre a cidade real e a cidade ideal por outra perspectiva, qual seja: a cidade ideal não era aquela que se projetava com a abertura da Avenida e sim aquela do passado, provavelmente do século XIX. Do mesmo modo, é interessante assinalar como a personagem se vale de um tropo bíblico para advertir sobre os perigos das avenidas largas, transformando o Rio de Janeiro numa futura Babilônia.

Ainda este mesmo trecho pode ser analisado a partir das sugestões de Raymond Williams em seu clássico sobre as representações do campo e da cidade na Inglaterra, pois o autor afirma que um suposto campo ideal seria um mito que sempre recuaria no tempo, cada vez mais remotamente.

Podemos transpor isso para as representações das cidades e supor, por exemplo, que um viajante do tempo que chegasse ao Rio de Janeiro no século XIX pensaria que a cidade colonial fora um época dourada em comparação aquela.

Deste modo, a imagem de um Rio de Janeiro com vielas tortas e estreitas acabou passando a memória como representação fidedigna do que era a Cidade Maravilhosa antes das obras de Pereira Passos, fazendo-nos esquecer das transformações anteriores que a atingiram. Assim, não haveria distinção significativa entre a cidade dos tempos de Estácio de Sá e da Capital Federal. Logo, afirma-se mais uma vez o que foi ressaltado por Angel Rama acerca do papel da cultura letrada diante da cidade física: as crônicas sobre o Rio de Janeiro do início do século XX acabam por construir uma memória sobre o que teriam significado as reformas de Pereira Passos no sentido de uma ruptura total com que o era a cidade anteriormente, como que eternizando aquele momento para todo sempre. Portanto, o Rio de Pereira Passos ganhou muito da sua importância em virtude do talento de escritores como João do Rio e Olavo Bilac.

Bilac reparte com Arthur Azevedo a representação alegórica do passado em personagens como o “Carrancismo”. Basta olhar para o texto da peça Guanabarina como sugere a pesquisa de Tatiana Oliveira Siciliano⁸ e verificamos que no início do espetáculo Carrancismo solicita a Satanás que impeça o progresso da cidade invocando uma série de calamidades nomeadas como Politicagem, Interesse Pessoal e Descrença que agirão pelas mãos de um gênio de nome Andrade, o qual lutará contra a fada Guanabarina, que conta com as alegorias do Progresso, da Indústria, da Civilização, do Patriotismo para impedir os planos malignos de Andrade. Não é a toa que os dois autores, Bilac e Arthur Azevedo, partilhavam a crença no trabalho de Pereira Passos como fator de progresso.

João do Rio, pseudônimo mais famoso do jornalista Paulo Barreto, foi outro adepto das transformações urbanas promovidas por Pereira Passos. Mas João do Rio foi além, dando a conhecer outro lado da cidade, aquele dos fumadores de ópio e das meninas que namoravam as vitrines. Era, no dizer de Julia O’ Donnell,⁹ um etnólogo da cidade real, permitindo que visualizemos as conseqüências do furor modernizante liderado por Pereira Passos e Rodrigues Alves. Primeiro, vejamos como ele se vale dos recursos da linguagem para descrever a nova paisagem urbana:

A praia de Botafogo apresenta um aspecto maravilhoso. A grande e esplendorosa avenida cintila de toilettes raras, de jóias coruscantes e de belezas admiráveis. Passam, sem cessar, automóveis caros, carros de luxo numa fila interminável. Sob o sol de inverno, o mar achamolata-se. (Rio, João do, 1907)

Na passagem acima, o cronista descreve a nova Avenida Beira Mar, via que ligava a Zona Sul ao Centro e que fazia parte do conjunto de reformas promovido por Pereira Passos. É interessante como João do Rio se vale de metáforas relacionadas à joalheria e a moda para ressaltar a fusão da elegância das pessoas que passeavam na avenida com o próprio espaço. O próprio mar, aliás, ganha a textura de um tecido, na medida em que a palavra “achamolatar” remete a chamalote, um tecido de origem oriental feito de pele de cabra ou camelo.

⁸ SICILIANO, Tatiana Oliveira. O Rio de Janeiro de Artur Azevedo: cenas de um teatro urbano. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

⁹ O’ DONNELL, Julia. De olho na rua: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

O quadro pintado por João do Rio na crônica citada acima lembra muito as fotografias publicadas em revistas ilustradas daquele momento como o *Malho*, a *Fon-Fon* e a *Kosmos*. Este era o mundo no qual as pessoas procuravam imitar as últimas tendências de moda do mundo europeu, que à época era sinônimo de mundo civilizado.

Esse era o ambiente pretendido pelos planejadores de uma cidade ideal, oposta àquela cidade real, formada pelos hábitos populares. A ordem, portanto, não estava apenas nas avenidas retilíneas, mas dependia da aquisição de novos comportamentos, vendidos como se fossem os mais elegantes, ou para usar o linguajar da época, “smart”. Era uma nova disposição do corpo descrita em termos poéticos por João do Rio, ou melhor, o treinamento do corpo para se adaptar a outra configuração do espaço urbano.

Neste caso, João do Rio serviria de exemplo às discussões travadas por Angel Rama no sentido do papel desempenhado pela cidade das letras diante da cidade física, constituída pelas transformações sinalizadas pela abertura de novas avenidas. Lembremos que para Rama os intelectuais seriam um dos encaminhadores da cidade ideal, servindo de suporte simbólico para o planejamento e ordenamento do espaço urbano.

Porém, João do Rio não se limitou a ser um “pedagogo” da cidade ideal. Seu livro, “a Alma encantadora das Ruas”, traz retratos de uma série de outras cidades possíveis, como aquela dos “comedores de ópio”:

As lâmpadas tremem, esticam-se na ânsia de queimar o narcótico mortal. Ao fundo um velho idiota, com as pernas cruzadas em torno de um balde, atira com dous pauzinhos arroz à boca. O ambiente tem um cheiro inenarrável, os corpos movem-se como as larvas de um pesadelo, e estas 15 caras estúpidas, arrancadas ao balsamo que lhes cicatriza a alma, olham-nos com o susto covarde de coolies espantados. E todos murmuram medrosamente, com os pés sujos, as mãos sujas (...) (RIO, João do; 1908)

Temos, pois, um contraste entre a cidade que circula que pela avenida de automóvel e aquela que se esconde para fazer uso do ópio. Contraste este que se faz notar pelas palavras utilizadas pelo cronista para se referir aos chineses como “caras estúpidas”, “susto covarde”, “velho idiota”. Sumiram a avenida cintilante e o mar em formato de tecido. Agora prevalece a sujeira, o cheiro putrefato, uma série de características ambientais descritas em tom negativo,

Nesta crônica, se evidencia a distância entre a cidade ideal e a cidade real. Essa é, como vimos, aquela vivenciada por seus habitantes no dia-a-dia, nem sempre correspondendo ao planejamento dos seus idealizadores. E que ficava, aliás, bem próxima a cidade inserida no plano de Pereira Passos. A bem dizer, os limites entre a cidade real e a ideal não são dos mais fáceis a serem definidos, sendo a literatura a grande responsável pela constante ultrapassagem das fronteiras, pois nem está apenas imaginando um espaço urbano ideal nem se restringe a descrição daquilo que o cronista vê ao flunar, isto é, caminhar sem objetivo definido.

Como estamos ressaltando constantemente ao longo do texto, as crônicas de João do Rio e Olavo Bilac eternizariam o momento fugaz das reformas promovidas por Pereira Passos e todas as conseqüências daí advindas. Como disse Angel Rama: os intelectuais da cidade das letras dão sentido aos significantes produzidos pelas transformações urbanas e é a partir deles que lemos os múltiplos vieses do mesmo processo.

Em outro, “As Mariposas de Luxo”, João do Rio incide seu olhar sobre algumas jovens que namoram uma vitrine da Rua do Ouvidor, uma das artérias mais importantes do Rio “civilizado”. Vejamos dois trechos:

São duas raparigas, ambas morenas. A mais alta alisa instintivamente os bandos, sem chapéu, apenas com pentes de ouro falso. A montra reflete-lhe o perfil entre as plumas, as rendas de dentro; e enquanto a outra afunda o olhar nos veludos que realçam toda a espetacularização do luxo, enquanto a outra sofre aquela tortura de Tântalo, ela mira-se, afina com as duas mãos a cintura, parece pensar coisas graves. Chegam, porém, mais duas. A pobreza feminina não gosta dos flagrantes de curiosidade invejosa (...)

(...) Quanta coisa! Quanta coisa rica! Elas vão para casa acanhada jantar, aturar a rabugice dos velhos, despir a blusa de chita – a mesma que hão de vestir amanhã ... E estão tristes. São os pássaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros. (Rio, João do; 1908)

Anteriormente, havíamos dito que a abertura de novas avenidas teve, entre outras motivações, o ensejo de facilitar a circulação de mercadorias. É também consenso afirmar que a iluminação destes novos espaços facilitou o hábito de passear pela cidade à noite. Tais emblemas da nova cidade estão sintetizados na crônica cujos trechos foram transcritos acima, na medida em que João do Rio poderá os significados de um passeio por uma das ruas mais elegantes do Rio de Janeiro de então.

A crônica chama atenção para os efeitos da formação da sociedade de consumo sobre a psique dos indivíduos. Fala da tristeza com que as moças encaram a impossibilidade de consumir um objeto desejado ou que foram levadas a desejar. É, pois, o choque entre a cidade ideal dos hábitos elegantes de consumo e a cidade real dos “pássaros sombrios no caminho das tentações”, o que remete mais uma vez a metáfora da cidade moderna como Babilônia.

Vamos ao nosso último cronista, Afonso Henrique de Lima Barreto. Dos três, Lima Barreto foi o mais crítico ao processo de modernização que atingiu o Rio de Janeiro no início do século XX, seja aquele promovido por Pereira Passos seja aquele desenvolvido por Carlos Sampaio já na década de 1920, simbolizado pela derrubada do Morro do Castelo.

Ainda nos valendo do diapasão fornecido por Angel Rama,¹⁰ Lima Barreto seria o intelectual mais próximo da cidade real. Seus textos conferem uma perspectiva negativa às transformações do espaço urbano, tocando no que seriam os limites daquela ordem visada pelos planejadores. Vejamos como ele trabalha, por exemplo, o problema das enchentes:

O Rio de Janeiro, da Avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar à mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral.

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio.

¹⁰ RAMA, Angel. Op.cit, 1982.

Cidade cercada de montanhas e entre montanhas, que recebe violentamente grandes precipitações atmosféricas, o seu principal defeito a vencer era esse acidente das inundações.

Infelizmente, porém, nos preocupamos com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas de nossa vida urbana, econômica, financeira e social. (BARRETO; 1915)

Diferentemente de João do Rio, Lima Barreto não enxerga nas reformas urbanas promovidas por Pereira Passos nenhum traço de profundidade. Para ele, apesar de terem afetado vertiginosamente o cotidiano dos cariocas, seriam mudanças de fachada na medida em que não lograram resolver o problema das enchentes, entre outros. Portanto, não é que Lima Barreto rejeitasse a civilização ou o progresso, mas sim que estes valores adquiriam em sua perspectiva outra feição.

Da mesma forma, se o autor também pensava em termos de uma cidade ideal esta não seria aquela planejada por homens como Pereira Passos, Rodrigues Alves e Carlos Sampaio. A partir das indicações biográficas de Francisco Assis Barbosa,¹¹ infere-se que uma suposta cidade ideal para Lima Barreto seria aquela que atenderia aos anseios das classes populares, às quais sempre esteve ligado por origem social. O autor de *Vida e Morte de Gonzaga Sá* matinha em perspectiva crítica os desdobramentos das práticas ordenadoras ensejadas pela cidade das letras, formada não só pelos administradores como também pelos intelectuais.

Também não seria correto dizer que Lima Barreto seja um mero passadista. Leiamos, por exemplo, o que o autor escreveu a respeito da demolição do Convento da Ajuda para dar lugar ao novo prédio da Cruz Vermelha:

Não sei bem que vantagens trará tal coisa. Se, ao menos, fossemos levantar ali um Louvre, um Palácio dos Doges, alguma coisa de belo e grandioso arquitetonicamente, era de justificar todo esse contentamento que vai pela alma dos estetas; mas para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretensioso e pífilo, o embelezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser de natureza artística. Uma coisa vale a outra.

Não é que eu tenha grande admiração pelo velho casarão, mas é que também não tenho admiração nem pelo estilo nem pela gente, nem pelos preceitos americanos dos Estados Unidos. (BARRETO; 1911)

Fica claro pela leitura dos trechos acima que o problema da demolição do Convento da Ajuda é simultaneamente estético e de ideológico. Estético porque, para Lima Barreto, edifícios americanos não teriam a beleza de um Louvre, museu parisiense. E ideológico porque seguiria princípios norte-americanos, com os quais não demonstra simpatia. Sobre isso, o biógrafo de Lima Barreto assinala que nosso autor não era fã dos Estados Unidos por duas razões: a situação do negro na República do Norte e suas práticas imperialistas.

Escrita em 1911, a crônica se refere à substituição do modelo francês de civilização pelo norte-americano, simbolizada pela adoção dos arranha-céus e nos anos 1920 pelo Jazz. Lima Barreto

¹¹ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Jose Olimpio, 1975.

indicia como a cidade real estava em constante processo de adequação a um suposto modelo de cidade. Processo esse, como sugere Renato Cordeiro Gomes,¹² marcado pela esfuziante ideia de um rompimento com o passado. Para lembrar Marx e um dos seus analistas, Marshall Berman, tudo que é sólido desmancha no ar.

Se a cidade real está em constante transformação, a cidade ideal não se volatiliza facilmente no tempo. Lima Barreto, por sua vez, eternizou uma reforma Pereira Passos excludente, visível pela derrubada dos cortiços e pelo controle de certos hábitos como andar descalço. Assim, quando estudamos mais uma vez as reformas ocorridas no início do século temos sempre em mente tanto a imagem de uma radical mudança no espaço citadino como a face excludente do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Escritos como os de Olavo Bilac, João do Rio e Lima Barreto têm impulsionado estudos sobre o Período Pereira Passos. Tanto é assim que mesmo análises críticas e embasadas nas teorias sociais corroboram para considerar o início do século XX como um período de radical transformação na então Capital Federal. A cidade que existia antes é quase sempre assumida como colonial em contraposição a cidade moderna construída por Passos.

Como já afirmamos anteriormente, não se negam aqui as dimensões das transformações produzidas pela reforma levada a cabo por Pereira Passos. Elas atingiram vários bairros da cidade, como Copacabana, Botafogo, Catete, Glória, Tijuca e mesmo Santa Cruz. Permitiram ainda aos cariocas a aquisição de novos hábitos de lazer como os passeios noturnos. No entanto, é sempre importante relativizar a profundidade da ruptura que provocaram, visto que a cidade já se transformava pelo menos desde a chegada da família real.

Deste modo, seguimos as sugestões de Angel Rama no sentido de enquadrar as reformas de Pereira Passos num espectro ideológico mais amplo do que aquele sintetizado pela palavra “modernidade”. Na verdade, a implementação de núcleos urbanos na América Latina adquiriu um aspecto ordenador já na colonização européia, o que problematiza segundo indica Barbara Freitag,¹³ a tese de Sergio Buarque de Holanda segundo a qual, ao contrário do colonizador espanhol, o português não teve maiores preocupações ao instalar suas cidades no novo mundo.

Se for assim, por que as reformas de Pereira Passos ganharam tamanha fama? Para responder a esta questão, chamamos Rama ao debate novamente e seguimos sua sugestão no sentido de que a cidade das letras tem a força de controlar a passagem de tempo, conferindo aura a determinados momentos da história e ajudando a construir uma memória dos mesmos. Isso aconteceu com o Período Passos.

Acontecerá com o período atual, no qual a cidade do Rio de Janeiro se transformou novamente para adequar-se a Copa do Mundo e principalmente aos Jogos Olímpicos de 2016? Qual será o comportamento da cidade das letras diante da cidade física? Zuenir Ventura, Aldir Blanc, Arthur

¹² GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

¹³ FREITAG, Barbara. Capitais migrantes, poderes peregrinos: o caso do Rio de Janeiro. Campinas, SP: Papius, 2009.

Dapieve, Joaquim Ferreira dos Santos serão aqueles que perpetuarão a memória dos dias atuais ou já passou o tempo no qual a cidade das letras ainda conversava com o burburinho das ruas?

Além das questões concernentes às relações entre espaço urbano e literatura, devemos lembrar que o Rio de Janeiro faz parte de uma megalópole com mais de 12 milhões de habitantes dentro da qual os municípios componentes apresentam condições socioeconômicas dispare e que, no entanto, precisam coordenar-se a fim de solucionar problemas como o saneamento básico, a mobilidade urbana e os impactos ambientais sobre a Baía de Guanabara.

Somam-se a isto a herança e o ônus de ter sido capital nos períodos colonial (1763-1822), imperial (1822-1889) e republicano, pois apesar do Poder Executivo ter sido transferido para Brasília em 1960 aqui se manteve estrutura institucional vinculada ao governo federal, como algumas das principais empresas estatais, a Biblioteca Nacional, o Museu Histórico Nacional, sem falar dos hospitais (Hospital dos Servidores, Bonsucesso e Andaraí) e dos órgãos administrados pelas Forças Armadas. Portanto, Machado de Assis não estava tão errado ao apontar que o Rio de Janeiro, ainda que perdesse o status de sede administrativa da nação, não seria totalmente alijado de sua importância simbólica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2013.
- BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 5ª Ed. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1975.
- BARRETO, Lima. Toda crônica. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- DIMAS, Antonio. Bilac, o Jornalista: Crônicas: Volume 1. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Editora da Unicamp, 2006.
- FREIRE, Américo. Sinais trocados: o Rio de Janeiro e a República. Rio de Janeiro: 7LETRAS, 2012.
- FREITAG, Barbara. Capitais migrantes e poderes peregrinos: o caso do Rio de Janeiro. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- GOMES, Renato Cordeiro. Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- MOTTA, Marly da Silva. Rio de Janeiro: de cidade-capital a Estado de Guanabara. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- NOVAES, Aline da Silva. João do Rio e seus cinematógrafos: o hibridismo da crônica na narrativa da belle époque carioca. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2015.
- O' DONNELL, Julia. De olho na rua: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.
- PAOLI, Paula de. Entre relíquias e casas velhas: a arquitetura das reformas urbanas de Pereira Passos no centro do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

RAMA, Angel. A cidade das letras. São Paulo: Brasiliense, 1982.

REZENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora UNICAMP, 1993.

RIBEIRO, Luiz Cezar de Queiroz. (Coord). Rio de Janeiro: Transformações da ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrôpoles, 2016.

RIO, João do. Melhores crônicas. 1 ed. São Paulo: Global, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SICILIANO, Tatiana Oliveira. O Rio de Janeiro de Artur Azevedo: cenas de um teatro urbano. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.